

AS MEMÓRIAS DE CYRO DOS ANJOS

Afonso Henrique Fávero*

RESUMO: *Memórias com traços ficcionais, A menina do sobrado apresenta uma atmosfera lírica, própria da literatura de Cyro dos Anjos. Encontra-se no livro uma configuração do narrador marcada por um profundo envolvimento com a matéria narrada, trazendo-a para o âmbito da interioridade e impregnando-a assim com os conteúdos da subjetividade.*

PALAVRAS-CHAVE: *Cyro dos Anjos; memorialismo; A menina do sobrado; prosa lírica; narrador.*

O volume de memórias de Cyro dos Anjos aparece em 1979.¹ Contém duas partes: a primeira, “Santana do Rio Verde”, agora como texto revisto, já havia sido publicada em 1963, sob o título de **Explorações no Tempo**. “Mocidade, amores”, a segunda, completa o volume, tudo com o título geral de **A menina do sobrado**. Segundo o próprio autor, a primeira parte tematiza o “país da infância”, e a segunda, o período “da adolescência, até a zona indecisa em que ela parece ter acabado, e não sabemos se já começou a maturidade.”

Com este livro, Cyro dos Anjos retoma de certo modo aspectos essenciais de seus dois primeiros romances, **O amanuense Belmiro** e **Abdias**, por trazer novamente a primeiro plano um narrador em primeira pessoa. Suas memórias estão impregnadas, a exemplo das duas obras, de uma aura lírica, sem dúvida um dos fatores que nos convida a lê-las como se pertencessem ao plano da ficção.

A menina do sobrado não decepcionou a crítica, que, com receptividade favorável, sempre destacou a acentuada capacidade de expressão verbal. Equilíbrio e disciplina foram atributos fartamente apontados pelos críticos, como se vê em Josué Montello: “Enquanto Pedro Nava é o memorialista copioso, e mesmo dionísíaco, que deixa fluir no papel a represa das recordações, Cyro dos Anjos põe o manancial no canal, consoante a imagem que fui buscar numa velha página de Unamuno. Sente-se-lhe a disciplina machadiana da escrita. Mas disciplina que é também equilíbrio apolíneo na arte de escrever bem.”²

* Universidade Federal do Rio Grande do Norte

1 **A menina do sobrado**, Rio, José Olympio, 1979, p. 383.

2 “Memórias de Cyro dos Anjos”. **Jornal do Brasil**. Rio, 15/05/79.

A valorização da escrita é também realçada por Aires da Mata Machado Filho. Referindo-se apenas à primeira parte do livro, pois seu artigo é de 1963, observa certos problemas e formula restrições quanto à não delimitação do que é real ou imaginário nas memórias de Cyro dos Anjos, o que prejudicaria o resultado final da obra. Acrescenta ainda a ausência de espontaneísmo e ingenuidade natural nessa escritura. De qualquer maneira vê a linguagem como o ponto alto do livro, conforme deixa patente no parágrafo final de sua crítica: “A expressão, polida, vernácula, variada, onde fulguram felizes achados verbais, é tipicamente literária. Oralidade não lhe vejo. A fluência conseguida decorre dos recursos da linguagem escrita. O nosso estilista sabe empregá-los com mestria. Aqui e ali, o dirigismo enseja certo rebuscamento, com freqüência estilisticamente valorizado pelo ‘humor’. Ressaltam, no livro, numerosas páginas de acabada beleza.”³

Mas, para não deixar a impressão de que os críticos viam apenas um livro de linguagem exuberante, lembremos Paulo Rónai a indicar a “substância de um mundo submerso, aqui reconstituído com descomunal força evocadora.” Diz ainda: “Como Cyro dos Anjos sabe selecionar dentro de suas reminiscências os gestos, os costumes, os ritos familiares que resumem todo um estilo de vida.”⁴

E para encerrarmos o quadro dessas visões críticas, lembremos também o juízo de Hélio Lopes, que não concebe o livro apenas como uma força de linguagem, mas como capaz de figurar um mundo dotado de pleno sentido e plena poesia: “Quero dizer o seguinte: Cyro dos Anjos recria Minas Gerais, trazendo-nos as dilatadas paisagens dos tabuleiros, as futricas da política, os bailinhos, os namoricos, as festas religiosas e cívicas, as ruas empoeiradas, as lembranças de frutas e pássaros, o cheiro das cozinhas, as safadezas molecas. A terra. Sobre-tudo a terra com suas neblinas e caminhos perdendo-se entre as serras, os fazendeiros e os capangas. Os crimes cometidos à socapa. Tudo isso tão Minas Gerais que o menino Cyro passa a um segundo plano integrado, é claro, nesse mundo maravilhoso de terra que prende e incita ao mesmo tempo à evasão.” Em função de tais aspectos é que Hélio Lopes conclui mais adiante: “Lê-se **A menina do sobrado** como se fosse romance. O escritor possui indiscutivelmente o dom de ressuscitar paisagens mortas e levantar personagens inesquecíveis.”⁵

Pelo que vimos nestas observações críticas, **A menina do sobrado** apresenta um mundo que é recuperado pela memória, tendo necessariamente um fundo documental, mas que não prescinde de aspectos ficcionais. O que Aires da Mata Machado Filho viu como

3 “Explorações no Tempo”. *Correio da Manhã*. Rio, 27/07/63.

4 “Um memorialista”. *Comentário*. Rio, outubro de 1966.

5 “Como Ulisses e Penélope”. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 19/06/79.

defeito constitui-se, na verdade, como recurso, porque justamente essa mescla de memória e imaginação mais o elaborado trabalho estilístico é que conferem ao livro o seu alto teor artístico.

Como é de se esperar, um livro de memórias pessoais alcança o centro de interesse na figura de seu autor. E assim é efetivamente no caso de **A menina do sobrado**. Mas não porque o narrador se mantenha numa posição egocêntrica, colocando-se de propósito no miolo de todos os acontecimentos e só cuidando falar de si. Na verdade, são muitas as referências a outras figuras e outras esferas, mesmo às vezes a ele alheias. A presença marcante do narrador se deve antes ao vinco forte de uma visão das coisas, a uma maneira especial de focalizar os seus temas.

Sem dúvida, a obra ultrapassa o registro autobiográfico estreito, pois traz igualmente à tona notícias da família do autor, de grupos sociais de sua cidade, da própria cidade, no caso a mineira Montes Claros, ficcionalmente chamada "Santana do Rio Verde". Posteriormente somos informados sobre a vida estudantil na Belo Horizonte dos anos 20, sobre o grupo modernista mineiro, a imprensa da época, a política e uma infinidade de outros assuntos, todos guardando interesse próprio.

Trata-se, pois, de um livro de memórias inclinado a fazer também história de grupo. Para situar-se, o narrador acaba por fazer o mesmo com os grupos com os quais se relaciona.

Várias são as indicações desta tendência. A própria cena inicial do livro já busca configurar um círculo: o da família. E começa diretamente por seu núcleo físico, a "mesa de pereiro branco", em torno da qual se reunia o grupo para as refeições. Ali o patriarca, Coronel Antônio dos Anjos, aplicava-se em passar ao clã certos ensinamentos, transmitidos na forma de leitura, intercalada às vezes pelos seus comentários. Era o famoso "trecho", lido após o pospasto, e compulsoriamente ouvido por todos, comportando uma gama variada de assuntos: discursos de Rui Barbosa no Senado, textos de conhecimento científico ou filosófico, uma biografia, etc. Essas sessões, se não angariavam o interesse dos ouvintes, ao menos deixavam patente o enorme respeito pela poderosa figura paterna, dada a deferência e o silêncio diante de tais leituras. O Pai, por sinal, será para o narrador uma das grandes referências nestas memórias. Tem-se uma idéia de sua importância a partir do título do capítulo a ele dedicado: "Uma entidade poderosa". Homem que conheceu o prestígio em sua cidade mas também a derrocada econômica, o Coronel sempre fora, em todas as circunstâncias, "enérgico, animoso, combativo". As páginas a seu respeito incluem-se entre as de maior contemplação lírica e expressividade poética.

Ainda no círculo doméstico, havia os serões de inverno. Mais alegres, comportavam música e declamações, numa quadra em que a cidade, perdida no sertão, não teria mais que dois ou três pianos.

Saindo um pouco dos limites da casa, vamos encontrar o narrador “a ouvir conversa de gente grande” em outro círculo: a roda da Loja, propriedade de sua família. A essas tertúlias compareciam os expoentes da cidade e um grupo incaracterístico, não opinativo, cumprindo apenas o papel de uma audiência reverenciosa. De todos teremos notícias no transcorrer do livro. Outra opção era ouvir as histórias da **Carochinha** com que o primo Atualpa divertia seus ouvintes, ou, havendo luar, misturar-se à roda de moças, que entoavam “as mais lindas modinhas deste mundo”. Assim, para falar de si, o narrador vai compondo esse painel humano, e suas memórias tomam o feitiço de história de grupo.

Aos primeiros círculos da infância acrescenta-se um outro da maior importância: o de Luísa Velha, que serviu à sua família como cozinheira e ama. A ela se ligam as suas mais remotas lembranças:

“Desdigo-me do que escrevi a propósito das histórias de Luísa Velha. Pensando melhor, nada ficariam a dever às do primo Atualpa. Cada estação da infância pede uma literatura específica, e a mais adequada àqueles dias recuados seria a da ama, com as suas onças e mulas-sem-cabeça, os seus coelhos, macacos e lobisomens. Na remota quadra, minha imaginação nem sequer poderia lidar com os gigantes, duendes, bruxas e dragões que o primo punha em cena e constituíam fauna desconhecida em Santana.

Contudo, o cotejo, distraidamente feito, muito me ajudou a alcançar as profundezas do meu ser, revelando-me, no campo fabulístico, a existência de um ciclo de Luísa Velha, que, precedendo o de Atualpa, deve situar-se nos confins exploráveis da infância.” (p. 18)

Para o narrador, Luísa Velha vem a ser assim uma inconsciente precursora de seu universo ficcional. As histórias da velha ama, as do primo Atualpa, as modinhas da roda das moças, enfim, todo esse “campo fabulístico” foi-lhe inoculado no espírito. E é de imaginar a importância de tais enredos para quem no futuro se tornaria um escritor!

A enriquecer também o cabedal de histórias, avultava a figura de José Carreiro, referido um pouco mais à frente. Tratava-se de um agregado que vivia nas fazendas da família e impressionava os meninos com os “causos de bois brabos, que (...) amansava com reza forte, ou arrepiantes histórias, como a do vaqueiro que virava lobisomem na Quaresma, e por isso vivia amarelo que nem açafraão.”

“Retomo o fio do pensamento, para concluir que as narrativas da velha atingem, assim, as próprias fronteiras de minha memória, desvendando a derradeira camada, o último tempo ainda captável, confinante daquele em que o mano Benjamim e eu, sentados no passeio, com os olhos presos à torre do Mercado, intimamente suplicávamos aos ponteiros do seu relógio que não andassem tão depressa, pois, badalando oito horas, Tia Julinda levaria Atualpa consigo.

Nesse tempo imemorial, uma voz preta e fatigada cantava:

João corta pau,
Maria mexe angu,
Teresa põe a mesa
Para a festa do Tatu.

Retendo-me ao colo com uma das mãos, a velha usava a outra para embalar o berço da caçula, que logo adormecia sob o efeito do acalanto. Se relutasse, vinha a cantiga do **Bicho Curututu** que morava atrás do murundu. Mas parece que nem mesmo a caçula temia esse bicho sempre anunciado, nunca aparecido. Grandinho já, eu, que estava ali para ouvir as histórias e não para dormir, traduzia minha impaciência puxando o cordão de verônicas e bentinhos que caía sobre os peitos murchos da velha, em parte descobertos.” (p. 18-19)

A sinédoque “uma voz preta e fatigada” não poderia ser mais apropriada ao relato por dar de modo exemplar a medida daquilo que o narrador deseja sugerir. As profundezas da memória só poderiam mesmo ser insinuadas por meio não de uma totalidade das situações vividas mas de suas frações, de certos detalhes, num brilho fugaz que iluminasse os recônditos das lembranças. Chama também a atenção o valor afetivo que esta figura de linguagem concede ao quadro, e que a reprodução dos versos da cantiga reforça. Muito longínquas no tempo, a cantiga e a “voz preta e fatigada” que a entoava, tão mais fatigada porque vinda de “peitos murchos”, lograram fixar-se nessas balizas distantes das reminiscências do narrador.

Luísa Velha dedicava parte de suas tardes a comandar, na cozinha da casa, um grupo de mulheres constituído de ex-empregadas ou antigas clientes da família, grupo a que o narrador denominou “o círculo das fâmulas”. Ali sabia-se das novidades da cidade, recados eram dados e recebidos e, sobretudo, a anfitriã ministrava conselhos às visitantes. As crianças da casa punham-se “a ouvi-las na expectativa de que algo divertido pudesse suceder.”

O importante a registrar é que todas estas rodas que vimos, a da família, a da Loja, a de Luísa Velha, têm como traço comum o intercâmbio das idéias, a troca de experiências, a difusão de um saber. Tal sistema de relações nos faz pensar de imediato nas observações de Walter Benjamin a respeito dos narradores anônimos que, por meio de histórias contadas de boca em boca, caracterizavam-se justamente pela capacidade de transmitir ensinamentos.⁶ Não nos esqueçamos por fim de que a composição assim de grupos é um dado forte da cultura de Minas, especialmente “a roda da conversa familiar mineira.”

6 Ver “O narrador”, in *Magia e técnica, arte e política (Obras escolhidas)*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1985.

Com respeito ainda ao círculo de Luísa Velha, anote-se o “vasto acervo de noções práticas e regras de viver” que as velhas empregadas repassavam às crianças. No relato de tal tirocínio, que figura logo no início do livro, ressalta um aspecto altamente relevante no conjunto das memórias de Cyro dos Anjos: refiro-me a uma visão irônica dos eventos narrados, mas ironia em nada corrosiva, infensa à destruição e que não prescinde de uma forte dose de ternura. Lemos sobre o círculo das fâmulas:

“Com elas, aprendia-se, entre mil outras coisas, que deitar sal ao fogo fazia nascer verrugas; varrer pé de moça ou rapaz atrapalhava casamento; matar um gato dava sete anos de atraso, e um urubu, vinte; sentindo-se um arrepio, a morte havia passado perto da gente; assoviar de noite atraía cobras; nunca se dissesse: ‘**Que menino lindo!**’, sem acrescentar: ‘**Benza-o Deus!**’, pois do contrário apanharia quebranto.

Enquanto a sabedoria de Tia Perpétua, expressa em adágios, podia comprometer-se ou tornar-se ambígua, pela procura de rimas ou pela extremada concisão - a de Luísa Velha, fundada simplesmente no vivido e isenta de preocupações estéticas, tinha em mira aplicação imediata, orientava-se para casos concretos. Fornecia-nos, por exemplo, o meio de encontrar objetos perdidos, problema freqüente, que tanto aperreia meninos. Era só rezar três ave-marias para São Lungüim. Não se esquecesse, porém, que, encontrado o objeto, convinha gritar bem alto: ‘**Achei, São Lungüim!**’ O santo era surdo.

(...)

A falência ocasional de uma ou de outra lei não chegava porém a comprometer aquele vasto sistema que secretamente regia o mundo físico, pois a confirmação de outras proposições vinha restabelecer em nós a confiança temporariamente abalada: podia-se observar que o soluço ia embora de fato, quando a gente bebia um gole de água e atirava o resto para trás, exclamando: ‘**Vai, soluço, te arrenego!**’” (p. 23-24)

A visão desses fatos é naturalmente a do adulto, já não mais inclinado a levar a sério tais superstições. Por isso, o dado ao mesmo tempo irônico e afetuoso se deve ao tom afirmativo com que alude às credices, mostrando a receptividade incondicional que o menino apresentava em relação a elas. Mesmo de modo galhofeiro, ao reafirmar aquelas suspeitas convicções como portadoras de valor universal, o narrador, envolvendo-as em humor e ternura, postula de alguma maneira restaurar o mundo da infância. É como se o adulto lamentasse a perda da inocência e fosse atrás das ilusões perdidas.

Escrevendo sobre Pedro Nava, Davi Arriguucci Jr. expressa um juízo que pode ser aplicado ao gênero memórias de maneira ampla e que interessa aqui reproduzir: “Por isso, ao tentar recriar o passado, seja pela reconstrução documentada da memória voluntária, ou por esse método de presentificação tão aleatório da memória involuntária, o memorialista tem de lidar sempre com o que falta: tanto na reconstituição irrealizável de um todo único, quanto no

fragmento imantado pelo conteúdo da experiência, que dá vida ao símbolo, mas não pode evitar que seja apenas uma semelhança fugidia de uma totalidade perdida.”⁷

Em Cyro dos Anjos encontraremos memória documentada, memória voluntária e mesmo memória involuntária, esta última desencadeada normalmente pelos dois primeiros processos. Assim, o narrador lança uma visão contemplativa para os dias da infância e da adolescência, num esforço de novamente dar vida aos acontecimentos daquele período. Ocorre que o passado nem sempre se rende com facilidade. Sem se desesperar, adverte-nos de que, com paciência, busca fixar-se no objeto que tenta relembrar e, mirando-o de ângulos diversos, espera que a sua imagem vá se configurando. Vale-se igualmente dos registros das **Efemérides Santanenses**, livro de Hermes Trismegisto, e de periódicos da época como a **Sentinela de Santana** e **Clarim**. Mas estes são relevantes na medida em que possibilitam associações, trazendo episódios e pessoas há muito soterradas nas profundezas da memória. Imagens que voltam à tona da consciência e emendam-se por sua vez a outras lembranças num acotovelar-se que tende a não mais se acabar. É dessa forma, por exemplo, que, ao ler em Trismegisto a informação de que o primeiro bispo diocesano chegara a Santana em 1911, o narrador consegue se ver numa túnica de apóstolo e com uma armação dourada na cabeça fingindo auréola, paramentado que fora para a festa de recepção à autoridade religiosa. A recordação da túnica vem restituir-lhe a atmosfera do Colégio, que “viria despertar outras, justapostas, que se cutucavam dentro de mim, à espera duma brecha para saírem cá fora.” Ainda no mesmo compasso, “a lembrança do Colégio trouxe-me a do compadre Hermílio que, a seu turno, puxaria outra.” Isso quando o processo não vai mais fundo nessas garimpagens, promovendo uma verdadeira erupção de imagens, até então insuspeitas de persistirem na memória.

“Que importa a superposição das imagens, desde que a cena da aposta veio trazer-me, de corpo inteiro, a figura do austríaco Fritz, há muito tempo sepultada na memória?” (p. 51)

A matéria do memorialista é aquilo que falta, como bem assinalou Davi Arrigucci Jr. Na escrita do que pertence ao passado é comum encontrar-se o desejo de recomposição da “totalidade perdida”. A vida que ficou para trás, substância irredutível em sua realidade concreta, assume o primeiro plano na forma de reminiscências, numa tentativa de presentificação daquilo que se esvaiu irremediavelmente no curso do tempo.

A matéria poética freqüentemente subverte o quadro e impõe a sua própria concepção. Veja-se o poema de Carlos Drummond de Andrade, “Memória” (**Claro Enigma**), em que o passado avulta com mais força que o presente:

7 “Móvil da memória”, in **Enigma e comentário**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987, p. 87.

Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.

Mas as coisas findas
muito mais que lindas
essas ficarão.

Na prosa costuma ser diferente. Por mais que se deseje a manutenção daquilo que já se foi, a tendência é de uma submissão maior à realidade, e por isso o passado é sempre percebido na sua verdadeira dimensão, não obstante o esforço de presentificação permanecer em pauta, nascendo daí, possivelmente, o encanto das memórias bem narradas. O mundo desaparecido passa a significar “emoção contemplada, presença súbita num fundo de ausência”, para utilizarmos os termos de Davi Arrigucci Jr.⁸

Veja-se, por exemplo, a página em que o narrador relata a primeira viagem da sua vida. Nessa ocasião, conhece a “Estrada de Ferro Central do Brasil, maravilha do século!”, e é da estrada de ferro que nos fala de início:

“Só vim a conhecê-la na altura dos dez anos, quando, pela primeira vez, fui a Belo Horizonte, em companhia do Pai. Os trilhos decepcionaram-me: eram tais como a Mestra Joaquinha os havia desenhado. Mas, ao ver chegar à noite o comboio todo luzes, que vinha das bandas de Pirapora, experimentei uma emoção que não teria par em minhas andanças pelo mundo.

A viagem a Várzea da Palma subsiste, até hoje, como as mais fecunda de minhas experiências geográficas. Nem os altos caminhos do México, que sugerem debussyanas melodias, nem as planuras da Espanha, com o carro a deslizar por entre as searas, nem os esplendores do São Gotardo me trariam, mais tarde, em igual escala, o sentimento de pleni-

8. *Ibidem*, p. 87.

tude, a alegria da comunhão com o mundo de fora, o êxtase diante da beleza da terra e da vida, que o pobre caminho dos sertões despertou no pequeno cavaleiro que demandava a estação de Várzea da Palma, na primavera de 1916.” (p. 117)

Gravada para não mais sair do espírito do narrador, essa viagem, para ele um momento de plenitude, agora se mostra imagem contemplada. A doce experiência na longínqua primavera de 1916 é evocada como lembrança arquetípica. Fato exemplar, chama a atenção o seu caráter de permanência pelos anos afora.

O relacionamento com a matéria vivida costuma variar. Em *Cyro dos Anjos*, ironia, ternura e simpatia são atitudes freqüentes. E vamos encontrar também muitos momentos de um tom mais elegíaco, normalmente quando ligados à saudade, sem dúvida uma questão essencial dentro do gênero das memórias. No segmento reproduzido em seguida, voltamos ao tempo da enunciação com o narrador meditando nesse arrastar inexorável do tempo.

“A Porteirinha, os dias nela vividos, nem sempre felizes, muitas vezes detestados, são hoje objeto de saudades devastadoras. Não me animaria hoje a revê-la. Devem estar lá os seus quarenta alqueires de terra., com as cercas de arame já bambas, a marcar divisas; espero que a serra e o rio tenham permanecido em seu lugar, embora se diga, desde Heráclito, que os rios e as serras nunca são os mesmos. Das coisas criadas por meu Pai, sei, porém, que pouco ou quase nada resta.

Tendo passado de dono a dono, acabou em mãos sacrílegas, que a transformaram em simples invernada. Desmanchou-se o grande chalé, para aproveitar os mourões de aroeira na cerca de currais; destruiu-se a chácara; derrubaram-se as árvores. Algum raro pau-d’óleo ou pau-preto terá conseguido escapar à sanha demolidora. Mas os pássaros fugiram e já não há frutas, nem flores, só a monótona pastagem cobre ondulações e vales.

E, como desfizeram a casa do meu Pai, também não se poupou a do José Carreiro, o grande amigo da minha infância.

José Carreiro! Pude vê-lo pouco antes de sua morte, no sitiozinho que adquirira nas imediações. Já muito encurvado, tinha de sentar-se para limpar a roça, e ia-se deslocando com o banquinho, penosamente, assim que terminava o trabalho no pequeno raio de ação que os noventa anos lhe traçavam. Dos sete filhos, apenas viviam três. Dois enlouqueceram e se perderam no mundo. Dois outros morreram cedo, como sempre sucede no sertão. Miséria, doença, e o mais que se sabe. Só José Carreiro, caboclo de raça teimosa, dura como pau-d’arco, parecia não acabar nunca. No meio do mandiocal, sentado em seu banquinho, devia ter perdido a era, como Luísa Velha.” (p. 152)

Essas posturas que havíamos observado com relação ao narrador, tais como afetuosidade, meiga ironia, afinidade face à matéria narrada e outras de natureza semelhante, associadas também a uma pungência nostálgica verificada no segmento anterior, conferem às

memórias de Cyro dos Anjos um modo de ser próximo ao de seus romances **O amanuense Belmiro** e **Abdias**: trata-se de uma concepção lírica em relação ao mundo, aspecto central nas memórias e nessas duas obras.

Naturalmente, o posicionamento frente ao passado tem variações de memorialista para memorialista. Com uma porção de narcisismo comum a todos, há os que se querem mais objetivos, e aqueles que só compreendem a maneira subjetivizante; uns possuem maior adesão à vida passada, outros preferem mais distanciamento; alguns mostram entusiasmo, outros ressentimento. A variação é ampla, sem dúvida.

Em Pedro Nava, por exemplo, dentre as faces diversas que a complexidade de suas memórias comporta, uma chama a atenção; o avultamento, segundo Davi Arrigucci Jr., de um narrador “empenhado num diálogo dramático e muitas vezes crítico com uma matéria ainda palpitante, que ele procura trazer à tona do presente como coisa viva, atravessada pelos gestos humanos que permitem reanimar a grande árvore do passado.”⁹ Se em Nava o relacionamento com o passado aponta para esse nível mais dramático, mas de maneira alguma apenas para esse nível, nas memórias de Cyro dos Anjos a tendência dominante será efetivamente a de uma “bruma lírica”, expressão com que a elas se referiu Antonio Candido.¹⁰

A **menina do sobrado** transmite, de fato, a sensação de que o mundo pretérito emana de uma interioridade, envolto em emoções singulares, íntimas, com características de conteúdo poético e simpatia imaginativa. Como naqueles dois romances, aqui também se afigura uma voz narrativa cujo coração é maior que o mundo. Um mundo visto por uma subjetividade que tende a diluí-lo e a incorporá-lo. Nesse sentido, portanto, é que **A menina do sobrado** nos faz lembrar Belmiro, que, ao invés do movimento da Rua Erê, o que vislumbra é um passado pleno de poesia na forma de um “cortejo de doces fantasmas”; figuras que estão “dormindo profundamente”, como diria Manuel Bandeira. Lembra da mesma forma Abdias, quando este volta-se enternecido para a fantasmagoria de Várzea dos Buritis.

A afeição por assim dizer intrínseca com que o narrador abriga antigas paisagens e antigos personagens manifesta-se sempre numa expressão poética, adequadíssima à sua atmosfera lírica. É o que podemos notar na fina sensibilidade com que se refere a personagens já mortas, e que, em sua visão, passam a desenvolver em ambientes celestes as habilidades que possuíam neste mundo. São, por exemplo, as alusões a Risoleta, a moça que cantava “ternas cantigas” e que fora uma de suas paixões de infância; Belkiss, a triste solteirona; e o mestre das Congadas, o velho Sabino Abelha. Vale a pena uma ida à narrativa a fim de vermos o modo amável dessas referências.

9 Ibidem, p. 100.

10 “Poesia e ficção na autobiografia”, in *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo, Ática, 1987, p. 54.

Sobre Risoleta:

“Um dia observei, inquieto, que o Caminho de São Tiago estava por cima da casa de Risoleta. Era sinal de noivado, conforme Luísa Velha. Iria casar-se comigo ou com Oldemar Cabelo de Fogo, o rival já taludinho, que me desprezava?

(...)

Sucedeu, também, que o Caminho de São Tiago levou Risoleta não ao altar, mas ao Céus, onde há de estar nos coros de Serafins, cantando a Glória de Deus na Eternidade. Do sofrimento que sua morte me terá trazido, nada sei. As cicatrizes velhas não revelam seus segredos, e mágoa de menino transforma-se, aloja-se noutras partes, converte-se em sombra difusa que carregamos conosco pelo resto da vida. Só se pode contar de Risoleta que seu nome e sua imagem, ligados aos crepúsculos de Santana, se recusaram a morrer e bailam na lembrança do adulto, principalmente quando há cantigas no ar em velhas ruas.” (p.17)

Sobre Belkiss:

“Loja sem fregueses é como solteirona que estiola à espera do noivo que não vem. A do Major Quintiliano mostrava-se pura e virginal como a sua filha Belkiss, cuja mocidade se consumiu na expectativa do amor, um caixeiro-viajante português que a pediu em casamento e nunca mais voltou a Santana. Belkiss confeccionava asas de anjo para as coroações de maio. Quando morreu, deve, com um grande par de asas, ter subido ao Céu, onde as solteironas virtuosas se indenizam da melancolia e da solidão deste mundo.” (p. 74)

Sobre Sabino Abelha:

“Nunca os epígonos conseguiram copiar-lhe a graça, a agilidade, a cortesia da mesura. Pelo cômico dos salamaleques, Geraldo Preto e Manezinho Trapaiado atraíam a preferência dos indoutos, mas o nobre estilo de Sabino, desdenhando os aplausos da plebe, permaneceu, pelos tempos, como um ideal clássico jamais ultrapassado. Seu capacete de espelhos, aljôfares e fitas, encimado por um penacho de plumas de ema, que era a insígnia dos Mestres, foi com ele enterrado, quando à altura dos oitenta e cinco anos, o convocou São Benedito para as Congadas do Céu.” (p. 102-103)

A todos o narrador procura conferir o condão da continuidade. Não só por fruírem agora dos privilégios do Céu, mas por serem resgatados também para o nosso mundo, sacados que foram pelas suas memórias da penumbra do esquecimento. Aí está novamente o empenho memorialístico na luta contra o efêmero da vida. Essa visão farta de sentimentos evidentemente não se restringe aos mortos. Como temos observado, é a sua maneira usual de considerar a tudo e a todos. Age assim não apenas com a família, os amigos, as namoradas, mas também com os presos e os borrachos de Santana, a quem dedica páginas de muita poesia e muito humor. A aura de ternura a envolver a paisagem interior parece não deixar lugar para

revolta, rancor, sentimento de reprovação no tocante à vida que ficou para trás. É por isso que, vistas pelo prisma do afeto, as coisas passadas não se limitam ao registro puramente factual. A respeito das memórias, Walter Benevides se refere a essa característica essencial, extensiva às outras narrativas em primeira de Cyro dos Anjos: “Na verdade, o cenário de sua predileção sempre foi outro, ou seja, o da vida interior própria e dos seus semelhantes. Daí a sua exemplar indulgência diante das paixões dos homens: nem aplausos, nem vaias, mas uma compreensão profunda e não raro afetuosa, atitude capaz de supremos refinamentos, como os proporcionados pelo Chopin da namorada ao piano, quando ‘trocava o existir pelo contemplar’.”¹¹

Nessa altura é bom abrir parêntese para observar que, se efetivamente as memórias do autor distinguem-se por uma disposição lírica, vamos encontrar, porém, ao final do livro, um capítulo que escapa um pouco a essa tendência. Trata-se de “O Birô, o Espelho”, penúltimo capítulo, em que toma vulto um outro tipo de comportamento ao qual se poderá também chamar “dramático”. Não propriamente naquele sentido empregado em relação às memórias de Pedro Nava, onde o interesse remontava a um diálogo com o passado no intuito de trazê-lo ao presente. Aqui, ao contrário, sobressai o diálogo do autor consigo mesmo. Na verdade, o que há é uma espécie de balanço, para não dizer um ajuste de contas, em relação à sua trajetória de escritor. A discussão tematiza se sua carreira foi ou não prejudicada pelo trabalho na burocracia, um trabalho, segundo ele, marcado pela “dissipação das energias do espírito em tarefas tão desencontradas, sufocantes e, sobretudo, alheias às minhas inclinações naturais.” Conclui que, com o Birô, “que tinha partes com o Diabo”, ou sem ele, tudo se passaria da mesma forma. O diálogo travado com a própria imagem ao Espelho (símbolo de sua consciência mais judiciosa) resulta num impasse: prosseguir ou encerrar a escrita das memórias. Estes são momentos únicos de uma certa acidez, de uma amargura mais contundente, fugindo ao tom geral do livro. O último capítulo, ainda com sentimentos do capítulo anterior, mas já recuperado o acento lírico, põe termo à discussão, encerrando o volume e as memórias.

Fechando o parêntese, voltamos à questão anterior para dizer uma vez mais que o lirismo inerente às memórias de Cyro dos Anjos é sem dúvida um dos principais fatores a lhe conceder um avantajado teor literário. Aquilo que a princípio seria regido por um empenho documental assume traços ficcionais evidentes, deixando freqüentemente o leitor com a impressão de estar diante de um romance.

Indicativo também desse aspecto é o aproveitamento estilístico dos discursos das personagens que a obra comporta. O fato é que a reprodução do discurso de alguém numa obra dessa natureza já é por si mesmo um sinal de que se entrou pelo plano ficcional, pois se afigura de todo improvável guardar fidelidade a algo dito há tanto tempo. Exceção feita, é

11 “A substância do tempo”. *Jornal do Comércio*, Rio, 10/12/79.

claro, aos anexins de Tia Perpétua, ao acalanto de Luísa Velha e a um ou outro bordão ouvido àquele tempo. Em *A menina do sobrado*, os discursos são de todo feitio. Assinalo primeiramente o indireto livre, sugerindo entre narrador e personagem uma voz uníssonas, sem mediações, em consonância, portanto, com a literatura mais moderna. Em função disto, tal característica só vem reforçar uma ligação mais íntima do narrador com a matéria narrada. Um bom exemplo desse tipo de discurso encontra-se no trecho a seguir:

“Lembro-me do dia em que Aurélio Boca Torta prometera tirar uma desforra dos rapazes do Largo de Baixo. Estivera bebendo a tarde toda, no botequim do Dominguinhas, e não fizera mistério dos seus planos. Havia de liquidadá-los, sozinho, não precisava de companheiro para esparramar aquela cambada.

(...)Fazia tudo para não puxar briga e até engolia desaforos, desde que não desfizessem na pessoa do Capitão Sezefredo, seu patrão e amigo.

Ah, o Capitão, homem de verdade, possuía patente, das legítimas! Não era daqueles sujeitos bestas que fingiam pertencer à Guarda Nacional só para serem chamados de tenentes e majores.

(...)Tinha peito, mesmo. Aurélio morreria por ele, se preciso. Mas, que tolíce falar em morrer! Melhor é matar. Não temia os tiros do grupo de Baixo, seu corpo era fechado, possuía um escudo infalível, o bentinho que a mãe lhe dera.”(p. 100)

Não é difícil perceber a interpenetração dos discursos da personagem e do narrador. A intenção parece ser mesmo a de distinguir Aurélio Boca Torta como foco narrativo, por assim dizer, alternativo. Noutras palavras, a personagem passa a informar diretamente, compartilhando de uma tarefa cuja competência pertence ao âmbito do narrador. Nesse sentido é que a precisão factual acaba perdendo terreno para apelos da imaginação. Um procedimento como esse é o mesmo de que nos fala Antonio Candido quando discute o uso da ficção na autobiografia de autores mineiros, no caso a de Pedro Nava: o narrador promove “a transferência para os personagens da capacidade de ver e sentir.”¹²

Neste outro segmento, a situação adquire estatuto francamente ficcional. Para a sua configuração concorre uma conjunção de todos os tipos de discurso: direto, indireto, indireto livre e até direto livre. O episódio narra a reação do Coronel Saturnino ao saber do fracasso de uma tocaia que ele mesmo articulara contra seu compadre, o Major Filomeno.

“Quando, à noitinha, chegaram os três à fazenda e, trêmulos de medo, comunicaram o insucesso ao Coronel, este foi acometido de um dos mais violentos acessos de ira que os íntimos lhe conheceram. ‘Cambada de cachorros!’- exclamava, possesso. Só sabiam comer

¹² CANDIDO, Antonio, op, cit., p. 62.

o feijão que lhes punha na boca, não eram capazes de garantir a vida de quem os carregava às costas! E, ainda por cima, despertarem a desconfiança do compadre! Conhecia bem o Major. Sabia que o golpe seria devolvido na primeira ocasião. Miseráveis, vagabundos, filhos de uma... mandaria sangrar todos três!

Depois, a tempestade foi-se amainando. Aos poucos, a voz retomou o tom plácido, quase sussurrante, a fisionomia recobrou a doçura, as mãos se relaxaram. Queria saber tudo como fora. Precisava informar-se, para ver como devia agir. Chamou-lhes meus filhos, desculpou-se da zanga.

Então os sicários puderam esclarecer que havia gente demais, e que o homem ia muito doente e resguardado. Na casa a que se acolheram, depois do fracasso, souberam, mesmo, que seria submetido a uma operação, na cidade.” (p 179-180)

É muito visível que o narrador procura conceber a cena com riqueza de detalhes. Descreve-a como se a tivesse presenciado a ponto de perceber a voz “quase sussurrante” do Coronel ou a doçura de sua fisionomia recobrada. Sendo os fatos narrados fiéis ou não ao que realmente aconteceu - isso não poderemos saber, e na verdade pouco importa -, o certo é que há um claro propósito de estilização. Narrado como foi, com ênfase direta na personagem, parecendo até que o narrador tivera acesso a sua consciência, o episódio nada fica a dever a uma cena de romance. Uma tal atitude do narrador, marcada sobretudo por essa mescla de discursos, nos dá a sensação de estarmos diante de um trabalho de efabulação, aspecto que ressalta o próprio estilo das memórias.

Características assim atribuem ao livro de Cyro dos Anjos um cunho de universalidade, processo muito afeito à índole mineira, conforme assinala Antonio Candido: “(...) tomemos **Minhas recordações** como exemplo da capacidade demonstrada por tantos mineiros de, inserindo o eu no mundo, mostrar os aspectos mais universais nas manifestações mais particulares, num avesso da autobiografia estritamente individualista do tipo Nabuco, da qual o interesse é de outro tipo e consiste em reduzir o geral à contingência do particular.” É o que diz o crítico ao contrapor o livro de Francisco de Paula Ferreira Rezende ao Nabuco de **Minha formação**.¹³

Assim é, com efeito, o livro de Cyro dos Anjos. As referências a Santana (Montes Claros), por exemplo, dão-lhe dimensão universal porque magnificamente caracterizada como uma província do sertão. A tonalidade lírica, o tratamento de inclinação ficcional, a capacidade para captar os aspectos essenciais daquilo que é retratado, transformam toda a matéria narrada em algo de sentido geral, como sucede por sinal a qualquer literatura de valor.

Fundamental nas memórias do autor é a questão amorosa. Principalmente em “Mo-cidade, amores”, segunda parte de **A menina do sobrado**, cujo título já se mostra bastante

13 Id. *ibid.*, p. 53-54.

sintomático da forte presença do tema, como observamos no comentário de Hélio Lopes sobre justamente essa última parte do livro: “O tom predominante, sobrepassando a todos esses anos, é o da busca do amor. Desde a primeira menina até aquela que veio a ser a eleita, passa aos nossos olhos um longo e variado desfile de meninas-moças. Para quem leu *O amanuense Belmiro*, primeiro romance de Cyro dos Anjos, é impossível não pensar na Arabela perseguida sempre entre o sonho e a realidade de Belmiro.”¹⁴ Mas, para um contato mais acentuado com a questão amorosa, não será preciso aguardar essa parte final, uma vez que, logo no primeiro capítulo, antecipa-se ao leitor a preeminência que o tema adquirirá por todo o livro:

“Finda a serenata, nos, garotos, voltávamos para casa, correndo e brincando, sem suspeitar que as modinhas, o luar e as donzelas houvessem inoculado em nosso peito o germe de amores que traziam desejo de morrer - desesperados amores que nem mesmo aspiravam a ser correspondidos, pois a amada, por definição, havia de sobrepassar, distante e intangível como uma deusa. Amores que se alimentavam de sua própria chama, encontrando em si mesmos o seu objeto.” (p. 8-9)

Os relatos do sentimento amoroso envolvendo o menino já antecipam a sofreguidão que acompanhará o narrador em sua trajetória de incurável apaixonado. Note-se, pelo trecho reproduzido, um dado essencial do aspecto amoroso, qual seja, uma maneira “trovadoresca” de conceber as amadas. Sempre distantes, distinguiam-se como objeto de pura adoração, infensas a provocar o desejo sexual dos homens e por isso equivalendo-se quase que a um mero pretexto para o desencadear da paixão. Pouco importava a reciprocidade, pois o certo era que “amava-se o amar”.

“Deixar-nos-ia boquiabertos quem afirmasse que o sexo estava na raiz daquele culto. Fascínio de beleza havia, não impulso erótico. Contemplação pura, sem desejo. Amava-se por superabundância sentimental, se é que o amor exprime plenitude, e não carência.

(...)eu, Don Juan platônico, arrastava a asa a qualquer saía. Namoradas não faltavam ao amador cerebrino, que dispensava reciprocidade.” (p. 253-254)

O amor físico, este se resolvia, em Santana, na Rua dos Marimbondos; e, em Belo Horizonte, nos seus famosos cabarés, maravilhosamente descritos juntamente com a boêmia da cidade.

A evidenciar o quanto o amor atinge de importância nestas memórias, basta verificar o recurso a um tom hiperbólico, expansão que quase sempre associada à blague chama a atenção, sobretudo tendo-se em vista a sobriedade da escrita do autor. Assim diz ele novamente de Risoleta, a paixão infantil:

¹⁴ LOPES, Hélio, art. cit.

“Só direi que de vez em quando me fazia a esmola de um olhar, e esse olhar se enlaçava ao meu, presumivelmente, provocando em mim abalos tais, que um sismógrafo, mesmo distante, pudera facilmente registrar.” (p. 15)

Ou quando, já na mocidade, escrevia no **Diário da Tarde**, jornal fundado por amigos e que teve vida curta, pensando apenas nas amadas;

“À casa das amadas enviava-se de graça um exemplar pelo correio. Tudo daríamos para que lessem as crônicas do ‘Kosmorama’, ora do Newton, ora minhas. A elas, só a elas eram endereçadas. De vez em quando, a prima do Ari lhes telefonava, a pedido nosso: ‘Você viu o **Diário** de ontem? Seu nome foi citado numa reportagem sobre o **footing** da Praça...! Decepção. A **Deidade** não tinha lido nada. Não nos entristecia que políticos, secretários de governo, classes liberais, comércio, estudantes, povo, ignorassem artigos, rodapés, secções humorísticas, e o mais, que, com tanto fervor, produzíamos. Mas o desinteresse daquelas ingratas, a algidez com que recebiam nossa oblata, isso nos doía. Para quem escrevíamos, senão para elas?” (p. 324)

A “superabundância sentimental” faz o jovem Don Juan zigzaguear por entre inúmeras namoradas até encontrar aquela que viria a sintetizar todas as anteriores. E quando, numa viagem de trem, finalmente aparece a escolhida - a menina do sobrado -, as hipérboles naturalmente não arrefecem, antes se acentuam:

“‘É a noiva! - pensei maravilhado. - essa aí não me escapa!’ Cansado de andar atrás das moças, doido para casar, sentia-me esponsalício como uma laranjeira carregada de flores. Os don juans se fatigam. Mormente os malsucedidos, que se fatigam cedo. Como poderia sustentar família, eu não sabia. Mas queria casa, mulher.” (p. 370)

Tudo resolvido entre os dois, e uma vez triunfado o Amor, o restante é de somenos, pouco importando o curso do mundo:

“A essa altura, que me importava a campanha da Aliança, que me importava a revolução? Eu só queria amor, era noivo, apenas noivo, totalmente noivo, da cabeça aos pés.” (p. 371)

A mesma atitude de acolhimento e simpatia do narrador em relação aos demais elementos das memórias é também dispensada às paixões. Mesmo aquelas que o levaram ao sofrimento sem consolo não são vistas aqui nem com revolta nem com travo algum de amargura. Isto porque o autor possui um olhar distanciado para as lembranças opressivas e uma elevada capacidade de compreender os acontecimentos tristes.

Como pano de fundo para essa dominante temática amorosa, temos a Belo Horizonte dos anos 20: os acontecimentos políticos, os próceres do PRM, a vida nos jornais, as rodas literárias, os “futuristas”, como então se dizia em relação ao grupo modernista, os cinemas, os clubes, a vida boêmia e tantas outras esferas de que o autor nos dá notícia. Sem dúvida, tais relatos, ao lado de *Beira-Mar*, de Pedro Nava, estão entre os mais importantes retratos já feitos da então muito jovem capital mineira.

Mas é preciso dizer que, sendo essa segunda parte das memórias uma considerável realização do ponto de vista literário, ela porém não consegue no seu conjunto alcançar o excelente nível que a primeira apresenta. Parece-me que o descompasso se deve principalmente ao motivo que tento explicar no parágrafo seguinte.

O autor é forte na evocação, que o faz engendrar as suas melhores páginas. Quando se põe a dissertar, por exemplo, sobre a questão amorosa e sobre os assuntos políticos, as suas observações são sempre pertinentes, agudas e dentro de uma escrita impecável. Mas sente-se que o melhor dele não está ali, pois o melhor é a ressonância que os acontecimentos, as pessoas e as coisas têm em seu espírito. Esse aspecto dá o tom na primeira parte. Possivelmente porque a sua matéria situe-se mais distante no tempo, com a imaginação a preencher os vazios que a memória sozinha não conseguiu ocupar, dando ensejo à contemplação daquilo que de mais remoto persiste em seu ser. Na segunda parte há evocação, mas o que parece também nortear a narrativa é o caráter testemunhal e interpretativo. Agora, além de “recordar”, é preciso “explicar”. Mas vamos encontrar em várias passagens de “Mocidade, amores” a mesma sensibilidade, o mesmo sentimento nostálgico, a mesma meditação poética, presentes em “Santana do Rio Verde”. As delicadas referências aos amigos de Santana, agora reunidos em Belo Horizonte; também as referências aos novos amigos da capital, Carlos Drummond de Andrade, João Alphonsus, Emílio Moura e tantos mais; a recuperação proustiana, em Haia, quarenta anos depois, de uma opereta ouvida na Belo Horizonte de 1926; o belíssimo capítulo sobre a diáspora ocorrida em sua família; todos esses são exemplos do que há de melhor realizado nas memórias de Cyro dos Anjos. Talvez o correto seja ver o desnível a que me referi não propriamente entre a primeira e a segunda parte, mas sim dentro da segunda.

De todo modo, o que de mais forte fica destas memórias é a doce ironia, a ternura, a compreensão amável e risonha a revestir todo o passado: componentes basilares da visão lírica com que o mundo é contemplado.

ABSTRACT: *Memoirs with fictional aspects, A menina do sobrado presents a lyrical atmosphere peculiar to the writing of Cyro dos Anjos. In the book, the form taken by the narrator is marked by a profound involvement with the story, personalizing it and permeating it with subjective content.*

KEY WORDS: *Cyro dos Anjos; memorialismo; A menina do sobrado; lyrical prose; narrator.*